

ainda impressionam mais os resultados científicos que Rivière conseguiu obter desta exposição. Julgo que qualquer etnógrafo que ainda lute entre um conceito amplo e restrito de etnografia; e suponha existirem barreiras muito nítidas entre cultura popular e superior e entre o presente e o passado, sairá desta exposição convencido de que a cultura é afinal uma, orgânica e viva, que como um perpétuo fluir recebemos do passado e vamos transmitindo aos vindouros, acrescentada ou modificada pela nossa própria actividade criadora e modificadora. Nunca vi um conceito da verdadeira etnografia mais claro do que este, formado apenas por meros objectos, que, em vez de alinhados e mortos, como na maioria dos museus, aparecem vivos e a falar por si.

Em algumas destas vitrinas, como, por exemplo, na da iluminação ou na da trituração de alimentos, Rivière soube dar relevo à evolução técnica, colocando os objectos mais antigos e primitivos em série contínua, até aos modernos candeeiros eléctricos ou máquinas eléctricas de cozinha. Mas tudo isto sem descuidar outros aspectos importantes, como por exemplo o económico. Na vitrina da iluminação frisou a utilização dos diferentes combustíveis, estabelecendo uma relação funcional entre certos tipos de iluminação e utilização de matérias-primas locais.

Georges Rivière foi ajudado por todos os colaboradores, mas muito especialmente por M.^{lle} Suzanne Tardieu, chefe do serviço de colecções do Museu, que é especialista do equipamento doméstico em França, e uma pessoa de invulgar valor (1).

JORGE DIAS.

Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Nota — As gravuras foram extraídas da publicação: *Objets domestiques des provinces de France dans la vie familiale et les arts ménagers*, de Georges Henri Rivière et Suzanne Tardieu.

Pré-história do Ultramar

Nas sessões do Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, realizado em Abril de 1954 em Madrid, foram feitas por investigadores portugueses comunicações sobre recentes descobertas de pré-história do nosso Ultramar. O Presi-

(1) Deve-se a Suzanne Tardieu a excelente monografia *Meubles Régionaux Datés*. Éditions Vincent, Fréal & C.^a, Paris, 1950.

dente da Sociedade de Antropologia fez, no regresso, ao microfone da Emissora Nacional, em 22 do mês imediato, a seguinte palestra a tal respeito:

«Inegavelmente, uma das figuras mais culminantes e respeitadas no recente Congresso Internacional de Pré-história em Madrid era o padre Breuil, Mestre consagrado na matéria, glória da Ciência francesa, que os anos e a fadiga pelas andanças por esse mundo ainda não fizeram afrouxar na sua vivacidade, no seu entusiasmo, no seu labor incansável.

Tive grande alegria em o ver, pois desde a sua longa estada em Portugal nos últimos anos da 2.^a Grande Guerra já o não via. Conheci-o pessoalmente em Paris em 1919 — há 35 anos! — e recordo-me bem de ouvir a sua ciceronagem notável em parte duma visita ao Museu das Antiguidades Nacionais em Saint-Germain-en-Laye, por sorte que tomei nota da perfeita franqueza de que ele usou, quando, chegando a certa altura da visita, declarou: «Agora, a partir desta secção, calo-me, porque estas matérias se encontram já fora do meu campo de estudo». Abertamente proclamava a sua ignorância — decerto relativa — para os tempos subsequentes. Estou recordando, a propósito, que foram Salomon Reinach e Hubert os conservadores do Museu que então tomaram a palavra, o primeiro com a sua erudição torrencial e o tom levemente áspero da sua palavra, o segundo, o grande celtista, com a sua distinção, elegância e sobriedade atenienses. Dos três prelectores ilustres dessa tarde apenas sobrevive Breuil.

No jantar de despedida dessa reunião de há 35 anos em Paris, em que encontrei ainda muitas outras figuras, já desaparecidas no túmulo, das ciências antropológicas, fiquei sentado entre Breuil e um explorador da Ásia Central, Savage Landor. Como de costume noutros banquetes, guardei as assinaturas dos dois, como muitas outras, na ementa. Breuil acrescentou à sua assinatura o desenho, de sua lavra, duma cabeça de bisonte.

Era então a época áurea das explorações das cavernas e abrigos dos Cantábricos, dos Pirenéus, do levante espanhol e do Périgord, em que Breuil e outros vinham descobrindo as extraordinárias manifestações da arte pré-histórica do quaternário, do paleolítico superior, arte que constituirá ainda, se Deus quiser, o tema de alguma ou algumas destas palestras.

Com o venerando Cartailhac, autor de «Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal», Breuil publicara a monumental monografia sobre a caverna de Altamira (perto de Santander), que pelos seus belos frescos parietais de animais, Dechelette chamara «Capela Sixtina da Arte Quaternária».

Visitei-a há uma dúzia de anos com o nosso saudoso P.^e Jalhay e com o amigo P.^e Carballo, Director do Museu Pré-histórico de Santander.

Aquela monografia era a reparação aberta e nobre do cepticismo com que o mesmo Cartailhac e outros pré-historiadores franceses haviam acolhido, uns anos atrás, a descoberta das pinturas de Altamira, feita por Alcalde del Rio. Num período aceso de luta anti-religiosa, de sectarismo jacobino, havia-se então chegado em França a dar tais pinturas como obra de pastores modernos ou uma invenção de «clericais» espanhóis... Cartailhac, Reinach e outros proferiram contrita «mea culpa»...

Breuil palmilhara então mais duma vez o território peninsular. Ligara-o excelente camaradagem a outro sacerdote e pré-historiador, o germânico Prof. Obermaier, que se conservou em Madrid até à 2.^a Grande Guerra e que mais duma vez tivemos também aqui em Portugal. Obermaier celebrou-se também pelos seus estudos de Paleontologia Humana.

Em Portugal, contou sempre Breuil excelentes amigos, entre os quais destaquei o saudoso Vergílio Correia. Aqui se ocupara do estudo de materiais pré-históricos, colocara os restos de Muge na vertente paleolítica do mesolítico ou do asilo-tardenoisense, revelara entre nós o paleolítico superior (cuja sistematização geral fizera) e descrevera algumas nossas pinturas rupestres esquemáticas como as da Esperança, no Alentejo.

Depois andou pelo mundo inteiro. Como o grande paleontologista P.^e Teilhard de Chardin, foi à China, estudou as jazidas do *Sinanthropus*, etc. Durante a 2.^a Grande Guerra foi nosso hóspede, sistematizou e renovou, com o dr. Zbyszewski, o estudo do nosso paleolítico, dos nossos terraços litorais, dos terraços e das indústrias do Vale do Tejo, com descobertas novas e com a devida e ordenada valorização doutras já feitas.

Foi no regresso duma sua permanência em Viana do Castelo que o fui encontrar no Porto, no consultório dum oftalmologista, completamente cego. O prezado colega que o observava, embora soubesse que ele padecia, por vezes, de inflamações oculares causadoras de cegueira transitória, estava-lhe prestando a mais cuidadosa e atenta assistência, e dava-me os naturais informes clínicos, mas Breuil quase nos não deixava falar, a narrar-me entusiasmado os resultados das suas explorações pré-históricas nas praias minhotas. Admirei o seu fervor científico, essa chama que nem a cegueira (embora transitória) apagava na sua alma de estudioso.

Ainda antes do fim da guerra, Breuil foi para a África do Sul, esteve em Moçambique, na Lunda, no Quénia, no Congo

Belga, em muitos pontos da África. Deve-se-lhe, na maior parcela, a possibilidade do estabelecimento de sincronismos — até então inexistentes ou vagos — entre os níveis pré-históricos da África sul-saariana e os da Europa. Antes de Breuil, as classificações e as cronologias da pré-história africana, eram apenas regionais, circunscritas. O sábio professor do Colégio de França coordenou, relacionou, ligou tudo. O que lhe proporcionaram, a um tempo, a sua visão científica excepcional e a extensão dos seus conhecimentos a quase toda a superfície da Terra! Ninguém terá abrangido directamente um campo tão vasto como ele. E com tão larga experiência, com tão profunda preparação científica e técnica.

Compreendem agora os meus amáveis ouvintes como foi enorme, na recente reunião de Madrid, a minha satisfação, a minha alegria, de cientista modesto e de português, ouvindo, como outros nossos compatriotas, a Breuil, as mais peremptórias declarações públicas sobre a remota antiguidade paleolítica de numerosos objectos líticos de Timor e Angola, que pelo Prof. António de Almeida, por Camarate de França e por mim próprio, foram apresentados ao exame do sábio francês e daquela assembleia científica internacional.

A pré-história de Angola iniciou enfim, sobre numerosas descobertas, o seu enquadramento na pré-história africana e geral. Quanto às descobertas de Timor Português, não constituem apenas ampla e feliz inauguração de estudos regionais que uns escassos e não remotos achados de Bágua mal deixariam prever, mas sobretudo uma revelação de novos e vastos horizontes à Pré-história da Indonésia Oriental, dum modo geral à antiguidade e deslocamentos do homem e das suas culturas mais antigas no grandioso arco insular entre o Sudeste asiático e a Nova Guiné e Austrália.

Lembremo-nos de que, em Java, a W. do referido arco, apareceram os famosos restos do *Pithecanthropus*, do homem neandertalense do rio Solo, de homem de Wadjak, etc. Pensemos na escassez ou ausência dos elementos culturais, de espólios das mais remotas idades da pedra, não só nessas paragens e no resto do dito arco, como também na própria península malaia, no S. E. asiático.

Os abundantes e notáveis achados de Timor abrem um novo capítulo da Pré-história oriental, do estudo do mais antigo povoamento humano no Oriente.

A intervenção de Breuil respondeu antecipadamente aos cépticos que tendessem a considerar os achados timorenses como post-pleistocenos, isto é, como provenientes de populações que,

numa data geològicamente recente, vivessem ainda numa cultura de plena idade da pedra naquelas paragens longínquas. Os achados não são apenas de superfície, e as suas morfologia, técnica e pátina facultam-lhes, além de outros caracteres do maior interesse, uma remota antiguidade paleolítica que Breuil acaba de confirmar sem restrições.

Falando de Breuil, direi ainda que a Universidade Católica de Washington publicou recentemente, no seu Boletim Antropológico, um estudo do sábio francês sobre notáveis pinturas rupestres que foram achadas e por ele estudadas em montanhas graníticas de Brandberg, na Damaralândia, África do S. O.

Trata-se da representação duma verdadeira procissão, na qual uma dama branca — talvez uma rainha ou uma deusa — é acompanhada por arqueiros, dançarinos, espíritos semi-humanos e animais. A rainha ou deusa está munida de arco e flecha e sustenta uma espécie de taça ou flor de lotus. Com um vestido muito justo e um penteado sumptuoso, é precedida e seguida por figuras de várias raças, uma das quais nua e com chifres de onyx. A dama é, segundo Breuil, branca, de tipo pronunciadamente mediterrâneo, e algumas outras figuras parecem ter sido retocadas de modo a acentuar o negroidismo. De passagem registemos que os verdadeiros negros não estão representados, como seria de esperar, nos mais antigos espécimes antropológicos descobertos até agora em África.

Análises feitas na Universidade de Chicago pelo método do carbono radioactivo ou carbono 14, permitiram atribuir mais de 6.000 anos a objectos que estavam junto das pinturas. Como não há a certeza de que estas são contemporâneas daqueles objectos, Breuil limita-se a atribuir-lhes uma data muito anterior à era cristã e relaciona-as com a arte egípcia e até com a região do Eufrates, excluindo a ideia de serem pinturas feitas por aborígenes.

Para finalizar, desejo informar quem me escuta de que os Serviços Arqueológicos da União Sul-Africana, que visitei há 5 ou 6 anos, e são dirigidos pelo ilustre colega Van Riet Lowe, já inventariaram mais de 2.000 estações de arte rupestre na União e que em Moçambique há também estações da mesma arte, as quais têm sido estudadas pelo Prof. Santos Júnior, chefe da Missão Antropológica de Moçambique, ao qual se deve também a descoberta de numerosas estações da idade da pedra naquele território português da África Sul-Oriental. Foi, ao cair, atacado por abelhas silvestres, duma escada improvisada, da altura de 20^m, quando estava estudando as curiosas pinturas rupestres de Chifunbaze, no distrito de Tete, que aquele professor portuense fracturou um pé, o que o faz coxear e o obriga a apoiar-se numa

bengala, quando marcha. Digna de respeito e agradecida simpatia uma mutilação sofrida no serviço da Ciência e da Cultura Portuguesa.»

MENDES CORREIA.

Homenagem a Ricardo Severo

No dia 2 de Junho de 1954 realizou-se na Sociedade de Geografia de Lisboa a inauguração dum busto de Ricardo Severo, oferecido àquela agremiação cultural pelos Portugueses de S. Paulo. Ocuparam-se da personalidade e labor do saudoso membro honorário da Sociedade Portuguesa de Antropologia os Srs. Dr. Nuno Simões, em nome dos ofertantes, embaixador Dr. Martinho Nobre de Melo, e o Prof. Mendes Corrêa, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e, simultâneamente, da nossa Sociedade, o qual proferiu o seguinte discurso:

«Na simplicidade intencional do acto que hoje aqui realizamos, há aspectos inevitavelmente grandiosos e de eloquente expressividade. Refiro-me aos significados que uma homenagem, mesmo singela, à memória insigne de Ricardo Severo reveste como manifestação de enraizado patriotismo, de fraternidade luso-brasileira, de apreço pelo valor moral, cultural e nobremente humano de vidas galhardamente consagradas, como foi a dele, a afanosas tarefas de préstimo colectivo e de clara elevação ideológica.

Fica bem uma cerimónia destas no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa, neste recinto em que a Pátria, a Cultura, o papel ecuménico de Portugal e da Verdade, são objecto de fervorosa devoção. Assim o entenderam aqueles excelentes patrícios que escolheram esta Casa para abrigar o documento material não só da figura física do ilustre fundador da *Portugália* mas também dum inapagável e justo tributo de reconhecimento e admiração em relação a quem, como bom português, tão dedicadamente se preocupou a um tempo com as longínquas raízes e com as luminosas perspectivas da gente lusitana, e a um tempo serviu, com dedicação igual, Portugal e o Brasil.

Vamos sendo cada vez em menor número os que ainda conhecemos pessoalmente Ricardo Severo e com ele mais ou menos convivemos. Por mim conheci-o primeiro através dos seus escritos, dos documentos variados que afinidades de estudo e de interesses mentais me foram proporcionando, sobre a sua perso-